

Heródoto e o Interesse pela História no Contexto da *Pólis* Ateniense

Fábio Adriano Hering

Abstract

This article results from a study which aimed at understanding the herodotean discourse's complex constitution process. Examining both the commentators' works and Herodotus' own work, I study the role played by the Athenian political context in this process.

Introdução

Ao discutir a constituição do “*interesse pela História*” na Atenas do século V a.C., no período imediatamente posterior às Guerras Pérsicas, Finley (1989: 23) pergunta-se por que “*alguém (...) afastou-se tão radicalmente das atitudes habituais e ‘inventou’ a idéia de história.*” A resposta habitual a esta pergunta, que relaciona os historiadores do século V a.C. com os filósofos jônicos, “*contém uma meia verdade*”. Estes contribuíram com “*duas condições necessárias: seu ceticismo sobre os mitos e sua noção de investigação*” (FINLEY, 1989: 23). Observa Finley, porém, por outra parte, a incidência de um “*novo impulso*”, que seria de fundamental importância para se explicar a invenção da História: a existência da *pólis* clássica. Esta, e em particular sua versão ateniense, teria colocado em evidência, pela primeira vez na história ocidental, a política como atividade humana, “*elevando-a (...) à mais fundamental das atividades sociais*” e tornando imprescindível a constituição de “*um novo enfoque do passado*” (FINLEY, 1989: 24). Já Collingwood (1972: 29) tinha observado que este novo enfoque do passado, a “*invenção de Heródoto*”, se consistia na “*conversão da redação de lendas em ciência da História*”.

* O presente artigo tem por base a monografia apresentada como trabalho final de conclusão do Curso de Graduação em História da UFSC sob orientação do Prof. Dr. Aníbal Emílio Abadir-Aicardi.

Entretanto, não se pode deixar de ressaltar que no pensamento de Finley, a referida "conversão" (de caráter céptico) em favor do histórico científico e em detrimento do mítico seria o primeiro dos três fatores coadjuvantes no processo de constituição do interesse pela História. O segundo, "sua noção de investigação", pareceria implicar e desenvolver o primeiro. Soma-se a estes, por outra parte, um terceiro fator que contribui para explicar o afastamento final de Heródoto das "atitudes habituais" em relação ao passado. Este é predominantemente político-social, mas — parece prudente observar — também cultural. O propósito deste trabalho seria o de procurar uma aproximação mais particularmente centrada neste terceiro fator levantado por Finley, enquadrando-o no cenário da época.

1. A Tradição Racionalista e os Princípios da Concepção de História

Nas primeiras décadas do século VI a.C., nas terras costeiras da Ásia Menor, foram dados os primeiros passos na direção do que compreendemos hoje como especulação filosófica. A tradição costuma celebrar o ano de 585 a.C. como a provável data de nascimento da filosofia natural. Nesta ocasião, o dia teria escurecido repentinamente por causa de um eclipse solar, que teria sido previsto com certa antecedência por Tales de Mileto. Menos de um século antes, o lírico Arquíloco de Paros, depois de ter sido surpreendido por um fenômeno semelhante, havia escrito: "*Qualquer coisa pode acontecer: Zeus escureceu o céu ao meio-dia*" (LUCE, 1994: 16-20). Tales desferira um severo golpe nas concepções mitológicas ao buscar compreender racionalmente os fenômenos naturais a partir de suas regularidades observáveis. Esta atitude intelectual não eliminou definitivamente as concepções míticas e religiosas acerca do destino humano e da ordem natural das coisas. Estas continuaram a existir. Porém, o esforço intelectual empreendido para compreender racionalmente o mundo e seus fenômenos faria escola em terras helênicas, espraiando sua influência desde a Dodecápolis jônica até a Magna Grécia. O desenvolvimento ulterior do pensamento filosófico, principalmente com os sofistas e os socráticos, inclinou os homens a voltar sobre si mesmos seu centro de interesse, questionando sua própria condição.¹

Diretamente influenciado por esta postura racionalista, Hecateu de Mileto, menos de meio século após Tales, estenderia a outros objetos o espírito crítico e a inquirição próprios da filosofia.² A tradição lhe atribui uma descrição geográfica das regiões com as quais Mileto mantinha relações comerciais (*Gês Periodos*)³ assim como uma narrativa crítica a respeito dos mitos e costumes dos povos estrangeiros e gregos (*Genealogiai*).

Predomina em Hecateu a orientação etnográfica. Suas narrativas, possivelmente vertidas em prosa jônica (BOWRA, 1983: 98), hábito iniciado entre os filósofos por Anaximandro (PEREIRA, 1993: 262), continham uma miscelânea de informações: descrições geográficas, acontecimentos históricos, biografias de grandes personagens, descrições geográficas, etc. (BURCKARDT, 1947: 572-574). A preocupação central de Hecateu, como é possível depreender do único fragmento de sua autoria que chegou aos dias de hoje, era inquirir a verdade (*alethés*) das lendas e mitos que registrara (POWELL, 1939: 23). É bastante improvável que Hecateu tenha seguido alguma cronologia em sua exposição, ou mesmo desenvolvido qualquer noção de causalidade histórica. Entretanto, assinala Evans (1991: 104-105), o pensamento helênico deve a ele a concepção de que a verdade histórica só seria possível a partir do julgamento racional e da investigação empírica.

Existiram outros escritores do mesmo gênero que Hecateu: Xanto de Lídia, Caron de Lâmpsaco e Hellanico de Mitilene, por exemplo, também coligiram informações a respeito de povos bárbaros e deram às suas obras uma forma análoga àquela delineada pelo escritor milésio (HOW e WELLS, 1989: 23-24). Em sua obra, Heródoto, talvez buscando ocultar de seus leitores as fontes às quais teve acesso, apenas se refere textualmente a Hecateu, identificando-o, pejorativamente, como um logógrafo (*logopoiós*).⁴ Não obstante, é inegável a duradoura influência que o gênero literário representado por estes prosadores jônicos teve sobre ele.⁵

O tema das Guerras Pérsicas é tratado por Heródoto como um acontecimento natural e desenvolvido com a terminologia própria dos filósofos jônicos (BOWRA, 1983: 98). A noção de inquirição (*historié*)⁶ está claramente impressa na frase inicial de sua obra, associada à idéia de exposição pública (*apôdeixis*), documentando sua preocupação de fazer de seu relato um estudo imparcial, comparando gregos e bárbaros. A tarefa que Heródoto se impõe, portanto, é averiguar, de modo crítico e racional, a verdade. Tal postura intelectual busca sua inspiração mais consistente na especulação filosófica iniciada pelos jônicos. Por outra parte, em sua versão definitiva, a obra de Heródoto incorporará algumas características inovadoras à estrutura e ao estilo herdados dos logógrafos.

2. O Pensamento Grego e a Idéia de História

O racionalismo jônico contribuiu sobremaneira para a constituição da rotina de pesquisa e do método expositivo de Heródoto. Mas, concordando com a opinião de Collingwood (1972: 31), tal racionalismo, em

reflexo ao pensamento grego de maneira global, tinha uma orientação rigorosamente metafísica e anti-histórica, pelo qual resultava pouco propício ao desenvolvimento do pensamento histórico, tal qual manifestado posteriormente por Heródoto e Tucídides. É muito significativo, neste contexto, que Aristóteles (*Poética* 1451 b) chegue a postular: “*a poesia é algo mais filosófico e mais sério do que a História, pois refere-se aquela, principalmente, ao universal, e esta ao particular*”.

Os gregos, de forma geral, buscavam compreender o mundo e seus fenômenos a partir de princípios universais e eternos. A este respeito, o monismo filosófico dos milésios constitui um exemplo característico. A História, para os gregos em geral, portanto, tratava da realidade em constante transformação, configurando um tipo de conhecimento para o qual o modo intelectual helênico nem sempre era receptivo (COLLINGWOOD, 1972: 31-32). Por isso, Finley observa que os gregos, quanto à memória fatural do passado, tendiam a concordar com Aristóteles, privilegiando a narrativa poética, principalmente de Homero e Hesíodo. Daí a importância do mito para interpretar, “*muito antes de alguém sequer sonhar com a História*”, os fatos do passado que “*mereciam ou exigiam consideração*”. Porque, de acordo com Finley (1989: 6): “*O mito era o grande mestre dos gregos em todas as questões do espírito. Com ele, aprendiam moralidade e conduta; as virtudes da nobreza e o inestimável significado ou a ameaça da hybris; e ainda sobre raça, cultura e até mesmo política*”.

O relato mítico, entretanto, com suas preocupações eminentemente morais e éticas, mesmo estando impregnado de elementos históricos não era História propriamente dita, mas “*uma narrativa detalhada e preciosa*”. Hesíodo, em *Os Trabalhos e os Dias* e, em certa medida, também em *Teogonia*, buscou no mito, pela primeira vez, uma explicação para a pergunta: “*o que era no começo?*”. Este questionamento, entretanto, como observa Finley (1989: 9), é de caráter filosófico, não histórico. Os problemas e as insuficiências derivadas da natureza anacrônica do relato mítico, com os seus “*pontos rústicos e... costuras defeituosas*”, tal qual aparecem na narrativa poética de Homero e Hesíodo, só seriam colocadas em questão por Heródoto, no século V a.C.

Como afirma no próêmio de sua obra, Heródoto buscava as “razões” (*aitiai*) que levaram gregos e bárbaros a guerrear entre si. Sua novidade deve-se ao fato de ele ter introduzido em sua obra tanto a “*investigação sistemática*” do passado quanto as explicações “*humanas e seculares e, em particular, políticas*” (FINLEY, 1989: 24). Porém, não podemos falar de um rompimento radical da obra de Heródoto com a narrativa mítica, nem com as obras dos logógrafos. Na realidade, sobrevivem em sua nar-

rativa uma profusão de elementos oriundos destas duas tradições. Entretanto, seria inverter a questão acreditar que a existência destas “permanências” é que necessitaria de alguma explicação. O requisito preliminar que se impõe, segundo Finley, não é dilucidar as razões destas “permanências”, mas indagar o motivo que levou Heródoto a se afastar das “atitudes habituais” e inventar a idéia de História, no seu contexto sócio-cultural. Porque, como lembra, Heródoto teria assumido a atitude de considerar tudo o que já havia sido escrito como de pouca valia.

Finley lembra que Heródoto, em sua tarefa, colocou-se em um caminho no qual tudo o que já havia sido escrito lhe era de pouca valia. Sua investigação (*historié*) dependia, em grande parte, da sua própria averiguação *in loco* (*ópsis*) e da coleta de material oral (*akoé*) (MYRES, 1971: 53). Não se pode afirmar que os logógrafos dispunham das mesmas vantagens potenciais que Heródoto em relação à coleta de material. Mas, independentemente deste ponto técnico, Heródoto contava com a gravitação favorável de um “impulso” que Finley (1977: 6) formula em estilo categórico: “*Eu tenho poucas dúvidas de que este (...) impulso tenha sido de caráter político, no sentido mais amplo do termo*”.

O referido impulso teria tido sua base na Atenas do tempo de Péricles.

3. A Sedução da Pólis Ateniense

Heródoto, segundo a tradição, nasceu possivelmente no ano de 484 a.C. em Halicarnasso, oriundo de uma família abastada. Uma dinastia Cária, aliada dos persas, dominava a cidade naquela ocasião. Heródoto aprendeu a escrever em jônico com seu tio Paniasis, poeta épico, ou em sua estada forçada em Samos. A família de Heródoto, provavelmente devido a problemas de ordem política, emigrou para aquela ilha quando ele era ainda muito jovem. Em idade madura, empreendeu uma série de viagens que se pode agrupar, simplificadamente, em quatro principais: ao Ponto, Samos, Palestina e Egito.⁷ Nestas viagens coletou uma série de informações que registrou por escrito, à maneira dos logógrafos.

Powell (1939: VIII) argumenta que Heródoto deva ter feito três prováveis visitas a Atenas em sua vida, e podemos supor que ele se estendeu nestas visitas por alguns anos. Uma das datas que ele nos dá, 444/3 a.C., coincide com o apogeu cultural, político e econômico da Atenas democrática e imperialista de Péricles. Este estudioso é categórico quanto à influência que Atenas possivelmente exerceu em Heródoto (POWELL, 1939: 86): “*Por nascimento e dialeto um grego asiático, Heródoto foi em*

todo o resto um ateniense. Os (...) passos que ele deu na direção da História (...) foram dados em Atenas e por Atenas”.

Baseando-se em uma extensa análise de “referências cruzadas” argumenta que a obra de Heródoto tinha inicialmente a forma de uma História da Pérsia, texto que teria sido recitado por ele em sua estada em Atenas, durante o período 447-443 a.C., chamando a atenção de Sófocles. Apenas em 430 a.C., depois de retornar de Turi, onde teria se instalado como colono a pedido de Péricles, é que Heródoto começaria a dar a seu relato a forma que tem hoje.

Atenas teria dominado a vida de Heródoto como dominara, com mão imperial, praticamente todo o mundo grego do século V a.C. Porém, a cidade que ele encontrou em seu regresso de Turi era uma cidade abalada pelas invasões espartanas: os campos devastados e queimados, os camponeses e os cidadãos humilhados e ameaçados pela peste que varria a Ática. Segundo Powell (1939: 85), tal experiência fez com que Heródoto retornasse ao trabalho que por quinze anos repousava intocado. Em um período provável de cinco anos, Heródoto transformou seu trabalho em uma descrição da vitória sobre os persas. Nesta narrativa, os inimigos eram bravamente derrotados por aqueles mesmos atenienses que eram na ocasião o objeto do ódio geral. A antiga descrição das conquistas persas tornara-se um mero prelúdio para este novo tema.

Jacoby, antes de Powell, havia proposto uma interpretação coincidente, ressaltando também o papel determinante que a experiência da *pólis* ateniense teria exercido em uma possível mudança de plano da obra de Heródoto. De acordo com sua teoria, resumida por How e Wells (1989: 447), Heródoto teria originalmente pretendido escrever uma narrativa à maneira dos logógrafos. Depois de conhecer Atenas, e sob a influência do “círculo de Péricles”, talvez de Péricles em pessoa, tornou-se um “ateniense por adoção”, transformando sua descrição do mundo bárbaro em uma narrativa que glorificava o império ateniense.

Esta mudança de plano na obra de Heródoto, possivelmente, teve como fator determinante a experiência política da *pólis* ateniense.

4. O “Impulso” proporcionado pelo Contexto Político

Heródoto cresceu em um mundo recém liberto do jugo persa, esbarrando a cada passo com os vestígios deixados pelo inimigo batido, e assistiu, desde as costas da Jônia e em suas viagens, o poderio ateniense se configurar. Por isso, Powell (1989: 85) assinala que: “*não antes de (...) 454 ou 453 a.C. (...) Heródoto encontrou em (...) Atenas o centro ao redor*

do qual seu trabalho se desenvolveria. Desta data em diante, Atenas dominou sua vida”.

Pelas prováveis datas de sua estada em Atenas, Heródoto conheceu e viveu no maior centro cultural do mundo grego. Era o centro cosmopolita de um mundo em sensível transformação. Fídias corria seu cinzel por sobre o mármore do Pentélico; Ictinos e Calícrates calculavam as curvas que dariam equilíbrio às formas do Parthenon; Sófocles encenava as suas peças. A arte grega atingia neste período, sob os auspícios de Atenas, seu apogeu (GOMBRICH, 1993: 52). A riqueza ateniense, porém, repousava sobre o uso discricionário que, desde 444 a.C., fazia do tesouro da Liga de Delos. O que em teoria deveria ser uma aliança igualitária e com a participação espontânea de seus membros, havia aos poucos se convertido, pela superioridade de Atenas, num sistema de exploração de seus membros e de concentração de riquezas em Atenas — mantido pela força militar e do qual as cidades não podiam se desligar livremente (GUARINELLO, 1991: 16).

Entretanto, desde 468 a.C., as cidades do Egeu estavam livres do jugo persa. A Paz de Cálias havia sido assinada em 449-448 a.C. Uma inscrição em pedra, datada de 446 a.C., dá bem a dimensão do poder exercido por Atenas. Esta exigia das cidades tributárias da Liga que lhe prestassem o seguinte juramento de fidelidade: *“Auxiliarei sempre o povo de Atenas, se alguém atacá-lo, e obedecerei ao demos de Atenas”* (*Inscriptiones graecae* I, 39 *Apud*: GUARINELLO, 1991: 19.). A *stasis*⁸ na cidade de Atenas era equilibrada não só com a distribuição da contribuição da Liga através da *mistoforia*,⁹ mas também através da instalação de cidadãos atenienses em terras tomadas das cidades aliadas, denominadas *cleriquias*.¹⁰ Segundo Guarinello (1991: 24), Atenas, por outra parte, beneficiava-se, nesta época, de: *“um suprimento de bens de todo tipo — que no caso ateniense se revestia da forma de um tributo em metal —, um fluxo centripeto só possível pelo diferencial de poder estabelecido entre o centro e a periferia do império”*.

Os conflitos levantados por esta interferência política ateniense nas cidades da Liga (GUARINELLO, 1991: 36-37) geraram uma série de questões éticas e políticas, que foram debatidas pelos sofistas. Porém, como coloca Finley (1977: 6):

“Heródoto não era um filósofo, nem mesmo um pensador sistemático; mas não era menos sensível que os sofistas e os trágicos às questões morais, e fez uma contribuição sem igual para a discussão. Ele encontrou uma justificativa moral para a dominação ateniense no papel que ela havia desempenhado nas Guerras Pérsicas; e buscou eternizar tal história antes que sua memória se perdesse”.

Sua visão política, como assinala Finley (1977: 6), era “*ateniense e democrática*”. Contemporâneo das duas guerras que assinalaram o início e o final da proeminência de Atenas na Hélade, Heródoto presenciou alguma das invasões que os espartanos fizeram de Atenas, em 430 a.C., para queimar os campos de trigo (GODLEY, 1990: vii). Seu posicionamento neste momento, sem sombra de dúvida, foi ateniense. Logicamente que a única possibilidade de restituir a “dignidade” à cidade arrasada era através do uso do poder político de Atenas perante suas aliadas (e pode-se supor esta crença geral em Atenas naquela oportunidade). Em nenhum passagem de sua obra, é digno de nota, Heródoto lembra que muitas das cidades aliadas pagaram com a liberdade política o ingresso na Liga. Neste contexto, as palavras de Powell (1939: 86), “*Heródoto era em todo o resto um ateniense*”, soam bem coerentes.

Heródoto, não se pode esquecer, participou, também, da colonização de Turi e deve ter visto este impulso colonialista com bons olhos (LATEINER, 1989: 133). Lembrem How e Wells (1989: 1), citando Suidas, que Heródoto “*tinha nascido de uma família em boa situação econômica*”. A tradição indica que sua família teve problemas com o tirano Ligdamis em Halicarnasso e seu tio, o poeta épico Paniasis, foi morto pelo regime. Não seria extrapolação supor, a partir do que as fontes indicam, que foi em Atenas que Heródoto reencontrou sua identidade política. Aos *metecos*, de fato, nunca foi concedida qualquer espécie de cidadania. Mas o modo como Heródoto (*História* VII, 139) defende Atenas parece revelar alguém que se sente parte da *pólis*: “*Sinto-me levado a expor aqui a minha opinião, e, muito embora me exponha à ira de muitos, não dissimularei o que parece, a meus olhos, a verdade. (...) Não estaremos exagerando se dissermos que os atenienses foram os verdadeiros salvadores da Grécia*”¹¹

Assumindo, de acordo com Powell, que a “mudança de plano” se deu nesta ocasião, e tendo em mente a asserção de Aristóteles (*Política* 1253 a): “*a pólis existe por natureza, e é anterior ao indivíduo... quem não pode fazer parte de uma comunidade, quem não tem necessidade de nada, bastando a si próprio, não faz parte de uma cidade, mas é ou um animal ou um deus*”. Pode-se dizer que Heródoto, ao dar à sua obra a forma que tem hoje, expõe seu lado mais humano, caracterizando o traço ateniense de seu posicionamento político.

Conclusão

Apenas um interesse específico em relação ao passado, argumenta Finley, pode explicar a atitude intelectual de Heródoto. No relato épico,

como já dito, não havia um interesse pela História como investigação sistemática do passado. Uma cronologia precisa e uma investigação metódica não eram necessárias, pois os poetas não estavam investigando o passado como ele realmente aconteceu (no sentido rankeano da expressão) mas o mapa mítico grego. As descrições e os relatos dos logógrafos, pressupõe-se, apesar de seu caráter investigativo, prescindiam de uma unidade temática e cronológica. Somente a preocupação política de fazer a apologia de Atenas, nos primeiros anos da Guerra do Peloponeso, levaria Heródoto a investigar os “*eventos concretos no tempo e no espaço*”, em busca de argumentos racionais que justificassem a dominação ateniense e glorificassem sua memória (FINLEY, 1989: 26).

A construção da obra de Heródoto é praticamente concomitante à constituição da hegemonia ateniense. Neste período se gestaram as obras artísticas do classicismo helênico. Talvez Heródoto, a partir do ano de 430 a.C., em seu esforço por justificar a dominação imperialista no mundo grego, tenha contribuído na construção desta “representação” do mundo ateniense (CHARTIER, 1990: 19). A própria idéia de História, em uma certa medida, está diretamente implicada neste esforço.

Tanto a religião grega quanto a especulação ética dos sofistas não forneceram um conceito ou prática que legitimasse um determinado governante, regime ou sistema (FINLEY, 1985: 157-158). Na cidade-Estado antiga só a conquista e o exercício do poder possibilitaram uma certa estabilidade política, evitando a guerra civil interna (FINLEY, 1985: 159). Os sofistas, de certa maneira, foram os primeiros a empreender algumas tentativas de “*análises e reflexões políticas deliberadas e conscientes*” a este respeito. É significativo que praticamente nenhum deles, da mesma forma que Heródoto, “*fosse ateniense e que fossem oriundos e estivessem ativos em todo o mundo grego*”. Não se pode fazer uma associação direta da obra de Heródoto com a dos sofistas.¹² Entretanto, não é possível negar que o esforço de Heródoto, em sua provável mudança de plano, teve como ponto de partida uma tentativa de racionalização da hegemonia ateniense (FINLEY, 1985: 147). Não se pode pressupor que todos os atenienses sustentassem as mesmas opiniões, e nem que todos os gregos cosmopolitas como Heródoto fossem politicamente atenienses, mas parece certo afirmar que “*quase todos eles teriam aceito como premissas, poderíamos até dizer como axiomas, que a vida boa só era possível na pólis*” (FINLEY, 1985: 150). Heródoto, portanto, em 430 a.C., como já sugerido, ao dar à sua obra a forma que tem hoje, não era mais um cidadão de Halicarnasso, mas um “*ateniense por adoção*”, no sentido mais amplo do termo.¹³

Documentação textual

- HERÓDOTO. *História*. trad. J. B. Broca. São Paulo: Ediouro, s/d.
- HERÓDOTOS. *História*. intr. e trad. M. da G. Kury. Brasília: EdUnB, 1985.
- HERODOTUS. *Books I and II*. trad. A. D. Godley; bilingual edition; LCL 117. London: Harvard University Press, 1990.
- _____. *Books III and IV*. trad. A. D. Godley; bilingual edition; LCL 118. London: Harvard University Press, 1995.
- _____. *Books V — VII*. trad. A. D. Godley; bilingual edition; LCL 119. London: Harvard University Press, 1994.
- _____. *Books VIII and IX*. trad. A. D. Godley; bilingual edition; LCL 120. London: Harvard University Press, 1981.

Bibliografia

- BOWRA, C. M. *Historia de la literatura griega*. trad. A. Reyes. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.
- BURCKHARDT, J. *Historia de la cultura griega*. t. III. trad. A. Tovar. Barcelona: Iberia, 1947.
- CHARTIER, R. *A história cultural; entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- COLLINGWOOD, R. G. *A Idéia de História*. trad. A. Freire. Lisboa: Presença, 1972.
- EVANS, J. A. S. *Herodotus, explorer of the past*. Princeton: Princeton University Press, 1991.
- FINLEY, M. I. (ed.). *The Portable Greek Historians — The Essence of Herodotus, Thucydides, Xenophon and Polybius*. New York: Penguin, 1977.
- _____. *A política no mundo antigo*. trad. Á. Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- _____. *Uso e abuso da História*. trad. M. P. Michel. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- FUNARI, P. P. A. *Antigüidade Clássica — A História e a Cultura a partir dos Documentos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

- GODLEY, A. D. "General introduction". In: HERODOTUS. *Books I and II*. trad. A. D. Godley; bilingual edition; LCL 117. London: Harvard University Press, 1990.
- GOMBRICH, E. H. *História da arte*. trad. Á. Cabral. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1993.
- GUARINELLO, N. L. *Imperialismo greco-romano*. São Paulo: Ática, 1991.
- HOW, W. W., WELLS, J. *A Commentary on Herodotus — Volume I (Books I-IV)*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- _____. *A Commentary on Herodotus — Volume II (Books V-IX)*. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- IMMERWAHR, H. R. *Form and Thought in Herodotus*. Atlanta: Scholars Press, 1986.
- LATEINER, D. *The Historical Method of Herodotus*. Toronto: Toronto Press, 1989.
- LESKY, A. *Historia de la Literatura Griega*. trad. J. M. Díaz Regañón e B. Romero; Madrid: Gredos, 1985.
- LUCE, J. V. *Curso de Filosofia Grega*. trad. M. da G. Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- MYRES, J. L. *Herodotus, the Father of History*. Chicago: Gateway, 1971.
- PEREIRA, M. H. da R. *Estudos de História da Cultura Clássica*. v. I: Cultura Grega. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- POWELL, J. E. *The History of Herodotus*. Cambridge: Cambridge University Press, 1939.
- REALE, G. *História da Filosofia Antiga*. v. I: Das Origens à Sócrates. trad. M. Perine. São Paulo: Loyola, 1993.

Notas

¹ Características desta mudança de foco do objeto de investigação racional são as palavras de Protágoras (490-420 a.C.) "... cada um de nós é medida das coisas que são e que não são..." (REALE: 1993: 205)

² Hecateu foi, possivelmente, assim como Anaxímenes, discípulo de Anaximandro (LESKY, 1985: 246).

³ Um mapa, desenhado pelo próprio Hecateu, fazia parte desta obra (LESKY, 1985: 247).

⁴ "Escritor em prosa" In: HERÓDOTO. *História* II. 143.

⁵ Immerwahr (1986: 47-49), analisando os sete primeiros livros de Heródoto, assinala que a estrutura expositiva deste é uma herança de Hecateu e de outros logógrafos.

⁶ Heráclito de Éfeso se antecipa a Heródoto no uso do termo *história* quando afirma que: “é preciso que sejam inquiridores (*historas*) de muitas coisas os amantes da sabedoria” (LESKY, 1985: 245).

⁷ Heródoto “viajou como um mercador, ou com mercadores” (MYRES, 1971: 5).

⁸ Guerra civil; conflitos sociais internos da *pólis* (LUCE, 1994: 380).

⁹ “Em Atenas, pagamento de uma remuneração pelo exercício de função pública. A mistoforia foi um dado essencial de democracia ateniense, permitindo uma ampla participação popular na direção dos negócios do Estado” (GUARINELLO, 1991: 83).

¹⁰ “Assentamento de cidadãos atenienses (em geral) mais pobres, que recebiam um pedaço de terra em território conquistado” (LUCE, 1994: 371). “Uma excelente válvula de escape para as pressões sociais em Atenas e um ônus ofensivo para os aliados” (GUARINELLO, 1991: 18).

¹¹ How e Wells (1998: 181) argumentam que esta apologia tenha sido, provavelmente, escrita durante os primeiros anos da Guerra do Peloponeso. Powell (1939: 82) também aponta nesta direção e argumenta que a colocação “reflete a geral hostilidade para com Atenas no mundo grego de então”.

¹² Lesky (1985: 353) é contundente neste sentido.

¹³ Esta é a tese de Jacoby (*Apud*: HOW e WELLS, 1989: 447). Powell (1939: 84-86) compartilha desta interpretação.